Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

QUE MACHO SOU EU? CARTAS GAYS DA RASURA NORMASCULINA: Compulsão viril, violência falocrática e Clínica do esvaziamento (parte 1)

WHAT KIND OF MAN AM I? GAY LETTERS FROM THE NORMALS OF MASCULINE ERASURING: Virile compulsion, phallocratic violence, and the Clinic of emptying (part 1)

Marcio Bernardino Sirino[1]
Nelson Iguchi[2]

RESUMO: Este texto reúne quatro cartas que tensionam as fronteiras da masculinidade. A primeira investiga o ressentimento como sintoma de uma virilidade em colapso. A segunda aborda o trauma produzido pela normalização dos corpos e pela imposição da heterossexualidade. A terceira desmonta confusões entre corpo, desejo, gênero e orientação, sustentado que o masculino é uma ficção inconsistente. A quarta direciona o olhar para a Educação e ensaia uma *Clínica do Esvaziamento* como alternativa para lidar com afetos e vínculos. O conjunto de correspondências, que não se propõe a oferecer respostas acabadas e únicas, interroga as performatividades masculina e suas formações defensivas, abrindo caminho para sua desconstrução e permitindo que outras formas de ser e estar homem possam emergir.

Palavras-chave: Masculinidade; Psicanálise; Normasculinidade; Sexualidade; Clínica do Esvaziamento.

ABSTRACT: This text brings together four letters that challenge the boundaries of masculinity. The first investigates resentment as a symptom of collapsing virility. The second addresses the trauma produced by the normalization of bodies and the imposition of heterosexuality. The third dismantles confusions between body, desire, gender, and orientation, arguing that masculinity is an inconsistent fiction. The fourth focuses on Education and explores a Clinic of Emptying as an alternative for dealing with affections and bonds. The collection of correspondences, which does not propose to offer finished and unique answers, interrogates masculine performativities and their defensive formations, paving the way for their deconstruction and allowing other ways of being and existing as a man to emerge.

Keywords: Masculinity; Psychoanalysis; Male Norm; Sexuality; Clinic of Emptying.

[1] Psicanalista, em formação, pela Escola Freudiana de Vitória. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ, 2019-2022) na linha de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura e Mestre em Educação (PPGEdu/UNIRIO, 2015-2017). E-mail: pedagogomarcio@gmail.com

[2] Psicanalista. Especialista em Envelhecimento Humano em Perspectiva Multidisciplinar pela Escola Mineira de Humanidades (EMH). Percurso em Psicanálise pela Escola Freudiana de Vitória (EFV). Pós-graduando em Decolonialidade, Gênero e Racismo: Urgências Contemporâneas pela Escola Mineira de Humanidades (EMH). Desenvolve pesquisa sobre masculinidades em parceria com o psicanalista Marcio Sirino. Palestrante. Atendimento clínico on-line e residencial na cidade de Divino, Minas Gerais. E-mail: nelson_iguchi@hotmail.com

INTRODUZINDO O MOVIMENTO

Ao reler a narrativa bíblica de Adão e Eva, Susana Muszkat (2019) afirma que os homens do nosso tempo vivenciam um desamparo identitário e enfrentam uma crise que expõe sua fragilidade estrutural. Esse modelo construído sobre a negação da falta e a recusa da vulnerabilidade força os sujeitos masculinos a encarnar um delírio de completude. Tal fantasia é instável, exige reafirmações constantes de força viril e poder, e termina por revelar um personagem dividido entre o privilégio e o medo de ser desmascarada em sua insuficiência. Em continuidade a essa crítica, Édouard Louis (2025) adverte que a intolerância à diversidade pode se transformar em criminalização e até extermínio de corpos e afetos que fogem à norma. Inspirados na troca de cartas entre Freud e Fliess, este texto apresenta um conjunto de correspondências compartilhadas entre dois psicanalistas gays em torno dos dilemas da masculinidade.

A primeira carta problematiza, com Maria Rita Kehl (2020), o ressentimento como destino de uma virilidade falida, tendo como contraponto cultural as músicas de Nelson Ned. A segunda reflete sobre o trauma da padronização dos corpos e da heteronormatividade, com base em autores como Michel Foucault (2014), Judith Butler (2019) e Raewyn Connell (2005), marcada pela canção *Caju* da Liniker. A terceira distingue identidade sexual, sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual, articulando Jacques Lacan (1998) com pensadores contemporâneos, a exemplo de Maria Homem (2019), Contardo Calligaris (2019), Paulo Roberto Ceccarelli (1997) e Jaqueline Gomes de Jesus (2012). A quarta e última correspondência insere o debate no campo da Educação, em diálogo com William Pinar (2016), Alice Lopes (2013) e Alexander Lowen (2022) e propõe uma *Clínica do Esvaziamento* como possibilidade de ressignificação dos afetos, utilizando como metáfora musical *Sampa* de Caetano Veloso. Se o masculino já não pode ser tomado como referência, torna-se inevitável perguntar: afinal, que macho sou eu?

Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

CORRESPONDÊNCIAS ENTRE PSICANALISTAS

CARTA 1.

Divino, 14 de janeiro de 2026.

Querido Marcio,

Nosso bate-papo virtual ainda ecoa em mim. Desde então, estou às voltas com a primeira questão que nos propusemos a tratar nessa troca inicial de cartas. Qual a necessidade de refletirmos a condição masculina? Um triplex foi alugado em minha cabeça. Sexta-feira, 09 de janeiro, já era noite. O Ed e eu, acomodados no sofá, taça de vinho à mão. Hora do filme. Uma avalanche de aplicativos e opções. Para agradar o marido, o roteiro precisa trazer ao menos um apocalipse, dois alienígenas e três possessões. "Que tal uma produção brasileira hoje?", pensei. Decisão tomada. *Oeste Outra* Vez, de Erico Rassi, no *Globoplay*. Não poderia haver história mais propícia para a nossa reflexão. No sertão de Goiás, homens ásperos se erguem incapazes de acolher suas fragilidades. Abandonados pelas mulheres que dizem amar, buscam abrigo na cachaça, companhia na solidão e sentido na violência. Luiza (Tuanny Araújo) é a única presença feminina. Em sua breve aparição, desce do carro e segue sem olhar para trás, enquanto Durval (Babu Santana) e Totó (Ângelo Antônio) brigam por sua posse. Não é amor. É disputa por território. Os espaços mostrados são ocupados exclusivamente por homens. A ausência de mulheres não é mero detalhe. Ao contrário, constitui elemento que estrutura toda a narrativa. A bebida alcoólica assume quase o papel de protagonista. Limão, sal e cachaça em repetição compulsiva. A palavra só sai depois de muitos goles. As socializações não são espontâneas, e sim fabricadas pelo álcool que libera a fala e cria intimidade superficial. Totó é como um chiclete grudado em Luiza, que não consegue se soltar. Seu nome, que remete a um cachorro pequeno, traduz sua dependência ansiosa. Como um cão que não larga o osso, insiste em telefonemas, tentando reatar uma relação que não existe mais. "Você gosta de liberdade, mas não sabe libertar", afirma Durval, seu inimigo. Totó encarna uma masculinidade frágil, marcada pela possessividade e pela dificuldade em aceitar a perda.

Ermitão, por sua vez, transforma abandono em morte. Declara que a companheira morreu, sendo que ela o trocou por outro mais jovem. É mais suportável inventar tragédia do que encarar rejeição. "Hoje num tenho vontade de fazer mais nada", confessa. Seu isolamento não é voluntário. Vive preso à realidade que criou. Um, dois, três, psicanálise! Para arriscar um entendimento de Totó e Ermitão, convoco Maria Rita Kehl, autora de *Ressentimento*. Totó não se entrega de imediato à impotência ressentida. Age, mesmo que de forma desesperada e desordenada. Contrata Tio (Antônio Fábio), enfrenta Durval e tenta reconquistar Luiza. Porém suas ações não revelam força. Atesta uma masculinidade invejosa e raivosa que se debate contra a perda sem aceitá-la. A inveja aparece quando o rival ocupa o lugar perdido. A raiva, quando acredita que algo seu foi roubado. São afetos que poderiam se dissipar, contudo, se recalcados, fixam-se e se transformam em ressentimento. Kehl (2020), apoiando-se em Max Scheler, descreve essa autointoxicação psíquica como uma mistura venenosa de afecções. Ciúmes, inveja, raiva e rancor se entrelaçam e se alimentam uns dos outros, tendo o desejo de vingança como força principal. Totó deveria, ou ao menos poderia saber, "que num jogo de amor, ninguém é de ninguém"[3]. Mas não sabe. E justamente por não saber, torna-se candidato ao ressentimento. Corre o perigo de, ao não elaborar a falta, fixar-se na posição de vítima, como vemos em Ermitão.

Ao contrário de Totó, Ermitão desistiu. Definha conforme o signo que carrega. Apartado, isolado e entregue à mágoa. Representa a figura masculina que, diante do vazio, prefere o refúgio da vitimização. A leitura de Kehl ajuda a desvelar o que acontece com ele:

> Talvez seja possível afirmar que o derrotado só se torna um ressentido quando deixa de se identificar como derrotado e passa a se identificar como vítima, sobretudo vítima *inocente* de um vencedor que, nesses termos, passa a ocupar o lugar de culpado. É no lugar da vítima que se instala o ressentido, cujas queixas e acusações dirigidas silenciosamente ao outro funcionam para reassegurar sua inocência e manter sua passividade. A manutenção ativa do ressentimento faz par com a posição passiva que ele ocupa diante do Outro; com isso, a suposta vítima obtém o ganho secundário de desincumbir-se moralmente de qualquer responsabilidade pela situação que o ofendeu. (Kehl, 2020, p. 15).

[3] Trecho da canção *Eu Também Sou Sentimental*, interpretada por Nelson Ned, presente na trilha sonora do filme.

O ressentido sobrevive, ainda assim não vive, corroído pela ferida que nunca cicatriza. Totó e Ermitão são retratos de uma virilidade falida que não encontra saída senão no ressentimento. O exílio aparece como destino desse modelo árido de ser homem que teima na lógica da posse e da vitimização. É nesse ponto que retorno à pergunta que deu origem a essa escrita. Qual a necessidade de refletirmos a condição masculina? Quando jogam sinuca pela primeira vez, Totó explica a Tio: "Cada um tem duas bolas. Cada bola tem duas vidas. Se você me mata, eu perco uma vida. Se eu erro uma bola sua, eu perco outra vida. Quem perder todas as vidas primeiro, perde o jogo". A cena desenha uma masculinidade feita de cálculo de força, medo da derrota e regras rígidas. Até que, na sequência final, Totó e Tio abandonam as regras. A sinuca deixa de ser disputa. Vira brincadeira. A dureza cede lugar ao lúdico. Tudo termina com Nelson Ned. "Só se encontra a felicidade quando se entrega o coração"[4]. A música aponta para o que o ideal normativo de masculinidade não consegue oferecer. Encontro verdadeiro e partilha. Exatamente aí que está a urgência de colocarmos a masculinidade sob suspeita. Para desconstruir o modelo tido como padrão e descobrir que também é possível brincar, reinventar os modos de estar juntos e viver de peito aberto. Encerro aqui minhas divagações neurótico-obsessivas. Com expectativa pelo seu retorno,

Nelson.

CARTA 2.

Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2026.

Nelson, amigo!

Estava organizando meu próximo atendimento analítico, quando sua carta me chegou. Pensei, até, em deixar para lê-la em outro momento, mas o desejo falou mais alto. Li, sorri, marquei, anotei, pensei e decidi: obrigado pela indicação, ainda que indireta, do filme, mas não quero assisti-lo agora. Não estou preparado para ver diversos *homens ásperos*, *abandonados pelas mulheres* e acompanhados pela *cachaça*. Isso, certamente, iria abalar minha masculinidade (risos). Mas, lendo sua sinopse, penso o quanto esse *modelo árido* de ser homem ganha vulto. Evidencia-se, neste

[4] Trecho da canção *Tudo Passará*, interpretada por Nelson Ned, presente na trilha sonora do filme.

contexto, a tentativa de manter padronizadas as formas de ser/estar homem socialmente. Na contramão desta perspectiva, lembrei-me da música "*Caju*", de *Liniker*. Aumente o som! O triplex irá estremecer. Parafraseando um trecho dessa música, pus-me a problematizar: "Será que você que sabe, no fundo, eu tenho *trauma*. De não ser aceito e nunca me aceitar?". Parto do pressuposto de que vivemos uma vida inteira em busca de aceitação – de si próprio e do Outro que nos atravessa, ao passo que ela não vem e, de alguma forma, somos instados a performar essa 'masculinidade' feita 'de cálculo de força, medo da derrota e regras rígidas", como você, tão bem, pontuou.

Seguindo na direção de nossa primeira temática, abordar a importância de uma reflexão sobre o conceito de masculinidade, passa pela compreensão de que existe, na sociedade, sujeitos plurais, mas que, historicamente, não conseguem manifestar – integralmente – essa pluralidade pela tentativa de padronização de corpos, produzida de geração em geração como patrimônio cultural (Foucault, 2014). Corpos validados como 'padrão' se relacionam com a categoria "homens, brancos e heterossexuais", um grupo social que, historicamente, ocupa posições privilegiadas nas estruturas de poder, representação e reconhecimento social (Connell, 2005; Crenshaw, 1991; Mcintosh, 1989; Bourdieu, 2012). Camadas diferentes dessa tríade – 'padrão' – exigirá, consecutivamente, um processo de negociação de sentidos e de quais identificações são mais aceitáveis do que outras – tensionando, sobretudo, o papel da heteronormatividade na organização do poder social (Butler, 2019).

Neste contexto, uma mulher de corpo preto, pobre e de orientação homossexual receberá da sociedade olhares diferenciados do que uma mulher branca, de corpo branco e classe média – ainda que tenha a mesma orientação sexual. Outros arranjos envolvendo as diferentes formas de ser e estar socialmente, com cores de pele, classes sociais, identidade de gênero e orientação sexual, dentre outros marcadores sociais da diferença (cf.: Almeida *et. all*., 2018; Hirano, *et. all*., 2019), nos oportunizam perceber que os sujeitos estão em posições diferentes na sociedade. Uns em posição de maior prestígio e aceitação, enquanto outros, por sua vez, em posições de depreciação e de exclusão.

Neste contexto, seria possível afirmar que esses processos – sociais – trazem, para alguns sujeitos, um *trauma* para a vida toda. Rudge (2009, p. 7) sinaliza que "O trauma não é o acontecimento em si, mas o modo como esse acontecimento incide sobre o psiquismo de alguém e por ele é processado". Interessante, pensar que essa *masculinidade*, mencionada por você, 'invejosa e raivosa' e que se transforma – à luz de Maria Rita Kehl – em *ressentimento*, talvez, tenha como origem o

trauma de ter que ser e estar homem na sociedade de uma forma 'padrão', sem espaço – igualitário – para outras expressões. Revistando o trauma, aproveito o ensejo para trazer um pouco sobre como esse conceito me atravessa. Desde pequenino, sentia desejos que não sabia nomear; só tinha em mente que eram errados e pecaminosos. Essa perspectiva, a cada dia, era reiterada pelos meus cuidadores. Meu corpo, franzino, minha voz fina, meus trejeitos, meus afetos, minhas brincadeiras, meus acessórios, minhas músicas preferidas, dentre tantas dimensões que me constituíam como sujeito não estavam de acordo com a masculinidade desejada pelo Outro.

Passei, assim como Edouard Louis, pela tentativa de não aceitação dos meus próprios desejos, pela tentativa de esconder meus afetos e, ainda, pela tentativa de me 'curar'. Todas as tentativas foram frustradas. Criava discursos e performances para ser aceito e nada funcionava – pois "As injúrias se alternavam com os chutes e com o meu silêncio" (Louis, 2025, p. 15). Era agredido – verbal e fisicamente – em diversos espaços pelos quais passava pelo simples fato de não estar inserido na *normasculinidade* (Welzer-Lang, 2001) ou, como diria o sociólogo brasileiro Marcos André Vieira: *normacho* (VIEIRA, 2019). Deixo de ser masculino por ser gay? Deixo de ser masculino por não exalar virilidade? Deixo de ser masculino por não coçar o 'saco', cuspir no chão e soltar truculências mundo afora? Para muitos, talvez deixe. Mas, como você bem pontuou: "*É disputa por território*". O território da masculinidade possui, historicamente, fundamentos que foram se solidificando e criando *regimes de verdade* (Foucault, 2014). O discurso conservador do 'normal', do 'correto', do 'honrado', do 'digno', do 'padrão'... se forjam na construção dessa *virilidade*. Os homens, de forma geral, expressam sua masculinidade pela força, criam personagens indestrutíveis e, consecutivamente, se vitimizam, quando se deparam com as frustrações. A culpa acaba sendo do Outro. Penso que isso sintetize bem essa ideia de *autointoxicação psíquica*, trazida por você. Vamos colocar essa 'masculinidade' sob suspeita? Que tal avançarmos nas nossas reflexões neuróticas (no seu caso *obsessiva* e, no meu, *histérica*) diferenciando identidade sexual e sexualidade? Como se relacionam com os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual? Um santo (ou devasso) ósculo.

Marcio.

Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

CARTA 3.

Divino, 23 de fevereiro de 2026.

> Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: só muito mais tarde descobriu — e nem mesmo inteiramente ainda hoje — a enormidade desse erro. De igual modo, o homem atribui a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol.
> Friedrich Nietzsche, *Além do Bem e do Mal*.

Marcitcho,

Começo dizendo da alegria que senti ao saber da publicação do seu capítulo *O Analista Tecelão: Abrindo a Caixa de Costura da Fantasia?*[5] Dando continuidade às nossas reflexões histérico-obsessivas, gostei da costura que fez dos nossos raciocínios. É possível que o ressentimento masculino nasça do trauma de ter que performar o ideal viril. Um roteiro grotesco em que o menino deixa "de ser masculino por não coçar o 'saco', cuspir no chão e soltar truculências mundo afora", retomando a imagem que você trouxe. Quem não se encaixa é imediatamente rebaixado para *beta*[6]. Quando penso nos casos de feminicídio[7] e LGBTQIAPN+fobia[8] que se multiplicam, vejo que não são casos isolados, mas sintomas de um "patrimônio cultural" apodrecido. João Emmanuel foi espancado até a morte, pois sua mera presença ameaçava a varonilidade de outro homem[9]. Juliana foi assassinada por não atender o desejo de um aluno[10]. Thales matou os próprios filhos para ferir a

[5] Esse texto integra a coletânea *Psicanálise e Contemporâneo* organizada por Eduardo Kobori e Rita da Silva.
[6] A rotulagem *alfa/beta* deriva de comunidades *redpill*, que afirmam ter "despertado" para verdades ocultas sobre gênero e sociedade, assim como Neo em *Matrix*. Nessa lógica, o *alfa* seria o homem confiante e dominante, ao passo que o *beta* seria visto como fraco e submisso. Trata-se de uma apropriação simplista da zoologia para reforçar estereótipos e hierarquias masculinas.
[7] Feminicídio é o assassinato de mulheres motivado por razões de gênero, tipificado no Brasil pela Lei nº 13.104/2015. Constitui o grau mais extremo da violência contra a mulher (Brasil, 2015).
[8] LGBTQIAPN+fobia se refere à discriminação ou violência motivada por identidade de gênero ou orientação sexual. Desde 2019, o Supremo Tribunal Federal decidiu que atos de homofobia e transfobia devem ser enquadrados como crimes de racismo, conforme a Lei nº 7.716/1989, até que o Congresso Nacional aprove legislação específica (Brasil, STF, 2019).
[9] Reportagens recentes: *Brasil de Fato* (2026); *Correio Braziliense* (2026); *Metrópoles* (2026).
[10] Reportagens recentes: *g1* (2026); *Metrópoles* (2026); *Migalhas* (2026); *UOL* (2026).

esposa. Expressão extrema da violência vicária[11]. Eis a masculinidade em sua versão mais abjeta. Frágil, incapaz de elaborar a própria impotência e vingativa. Dialogando com a sua observação, o que insiste em reaparecer é um movimento que se assemelha ao *acting out*[12]. Uma encenação inconsciente onde os homens não se limitam a representar. Pior que isso, exibem exacerbadamente sua masculinidade pela força, ostentando máscaras de invencibilidade. E, diante das desilusões, transformam sua fragilidade negada em espetáculo violento, projetando no Outro a culpa que não conseguem carregar.

Outro dia, fui presenteado por meu algoritmo narcísico com o vídeo *1 Machista Versus 30 Feministas*[13]. Ali, escutei pérolas retiradas de um manual da mediocridade androcêntrica. Que mulher nasceu para servir, que autonomia sexual leva à solidão, que dividir tarefas domésticas é sinal de falta de testosterona, que mulheres trans não são mulheres e que o homem é o cabeça da relação e a esposa um troféu[14]. Cada sentença naturaliza o discurso desgastado e desgastante da masculinidade hegemônica. E se desconstruíssemos esses mitos falaciosos, o que sobraria? O vazio ou, quem sabe, o "espaço" para reinventar o que significa ser homem? Lembrei de uma reflexão de Lacan: "Um homem sabe o que não é um homem; os homens se reconhecem entre si como sendo homens; eu afirmo ser homem, por medo de ser convencido pelos homens de não ser homem"[15]. E, mineiro que sou, contarei um *causo*. Estava eu na academia, sem meus fones, e acabei ouvindo a conversa de uma mulher e três homens.

---

[11] Reportagens recentes: *Brasil 247* (2026); *CNN Brasil* (2026); *Correio Braziliense* (2026); *Estado de Minas* (2026); *g1* (2026); *Veja* (2026). O caso reacendeu o debate sobre violência vicária, quando filhos ou entes queridos são atingidos como meio de controlar ou punir a mulher. No Brasil, essa prática vem sendo discutida no Congresso Nacional. O Projeto de Lei nº 3.880/2024 propõe sua inclusão expressa na Lei Maria da Penha, classificando-a como violência doméstica e familiar (BRASIL, 2024).

[12] Em psicanálise, *acting out* designa uma modalidade de repetição inconsciente na qual o sujeito não elabora o conflito pela palavra, mas o traduz em ações. Freud (1914/2010) descreve-o como dramatização compulsiva do trauma. Lacan (1966/1998) ressaltou que se trata de uma mensagem dirigida ao Outro, mas não decifrada em discurso.

[13] Debate disponível em *Canal Foco* (2026).

[14] Em Efésios 5:23, lê-se: "Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador" (Efésios 5:23). Esse versículo é comumente empregado para justificar concepções patriarcais de gênero em relações conjugais. Com base nessa leitura, o estatuto de "mulher" é rigidamente vinculado ao corpo feminino biológico, entendido como complementar ao masculino. Assim, mulheres trans não são reconhecidas como mulheres, já que sua identidade de gênero não se alinha ao modelo corporal considerado legítimo por tais interpretações.

[15] Essa paráfrase deriva dos Seminários 16 (*De um Outro ao outro*, 1968–1969) e 17 (*O avesso da psicanálise*, 1969–1970) de Jacques Lacan. Escutei esse comentário do professor Vinícius Lima durante o 2º Congresso Brasileiro EMH de Psicanálise: *Os Desafios da Psicanálise no Século XXI*, realizado em 25 junho de 2025.

O primeiro, fisiculturista com traços de Rambo, era alvo de zombaria por seus cuidados estéticos. O segundo, um senhor idoso que vestia uma camiseta verde estampada com o bordão tosco "Homem Raíz" aplaudia e ria de cada provocação. O terceiro, em tom de gozação, declarava que "homem que é homem não faz sobrancelha, não passa cremezinho" e insinuava que tais práticas seriam "coisa de viado"[16]. A mulher reforçava a chacota, ironizando que precisava ir à barbearia para tirar o marido de lá, dado que ele "conversa mais do que mulher". Em dado instante, o terceiro se vangloriou de que havia algo nele impenetrável e intacto: o "cu". Ironia das ironias, o intocado que tanto exaltava o seu orifício sagrado era o que mais se ocupava em reparar o crescimento dos meus músculos. Hoje faço exercício físico em outro espaço para não ter os tímpanos estourados. Afinal, ser homem tem a ver com não "dar o cu"? Ou será que confundimos identidade sexual com orientação sexual e identidade de gênero com práticas culturais? Aí está a questão instigada no encerramento de sua carta e que tentarei esmiuçar.

O fato que narrei é paradigmático, uma vez que revela uma estrutura tentacular ampla, antiga e profunda. Herdeira da Grécia clássica e contaminada por tradições religiosas judaico-cristãs, a tradição do Ocidente se fossilizou mais do que em práticas machistas, em verdadeira misoginia. Nossa civilização se ergueu, portanto, assentada em fundamentos de exclusão e ódio, conservando tanto o domínio em relação às mulheres quanto um desprezo persistente dirigido a elas (Homem; Calligaris, 2019, p.15). Não é simples humor. É reiteração de um processo histórico. A *normasculinidade*, conceito que emergiu em nossa troca, mostra-se precária e precisa se reafirmar pela diferenciação contra o feminino, relegando-o à inferioridade. Sendo assim, faz muito sentido convocar o Michel para nossas reflexões. Os dispositivos culturais que regulam a feminilidade e a masculinidade operam enquanto mecanismos de poder, na formulação Foucault (2014), alicerçando e produzindo o que se entende por "ser homem" e "ser mulher".

Concorda que homens gays são alvos de misoginia por serem associados ao feminino? Aquela velha história de uma alma feminina dentro de um corpo masculino. A homofobia, nessa perspectiva, é também um desdobramento do ódio às mulheres, porque projeta em homens gays a mesma subalternidade destinada ao feminino. Além do que, muitos homens heterossexuais não sabem lidar

[16] "Homossexual" carrega ressonâncias clínicas e psiquiátricas. "Viado", escrito com i, origina-se de "desviado" ou "transviado", indicando afastamento da norma e não necessariamente corresponde ao animal "veado". O termo "gay", que assumo, desloca a identidade da esfera médica patologizante para a esfera cultural e política de liberdade, orgulho e resistência.

com a própria orientação sexual, vivendo-a sob a obrigação de ter de se posicionar incessantemente como másculo, revelando o quanto a masculinidade é uma invenção defensiva, instável e, sobretudo, risível. Feministas e LGBTQIAPN+, uni-vos! Se Maria Homem e Contardo Calligaris enfatizam o caráter misógino ocidental, Paulo Roberto Ceccarelli (1997) alerta que a virilidade não é dada de antemão. Precisa ser conquistada e permanecerá para sempre em crise. "O fato de possuir um pênis não constitui em si uma garantia que permite a passagem 'natural' da fase masculina à masculinidade" (Ceccarelli, 1997, p.52). De acordo com Ceccarelli (1997), para os Sambia da Papua-Nova Guiné,

> o modelo masculino identificatório é o do guerreiro capaz de matar, e a masculinidade, que nada tem a ver com a possessão do pênis, não é natural muito menos inata: não se acredita, que os indivíduos do sexo masculino possuam os mecanismos endógenos necessários para a produção de esperma, o que constitui, para os Sambia, a base mesma do desenvolvimento masculino. Os meninos devem então, para tornar-se homens, ingerir esperma. Isto é feito através de rituais de felação precisos, rigidamente controlados pelas leis do incesto. Tais rituais constituem verdadeiros segredos, e devem imperativamente ser escondido das mulheres e das crianças. Os rituais de iniciação-aquisição da masculinidade, que se praticam entre os dez e os quinze anos, são divididos em várias etapas até que, no início da idade adulta, aquele que recebia o esperma se torne por sua vez doador. [...] 'Adquirir' a masculinidade implica o risco de perdê-la. Para que isto não aconteça, inúmeros rituais e tabus - por exemplo, não tocar as excreções da mulher, respeitar os espaços exclusivamente femininos etc. - são observados. Os contatos com as mulheres são a tal ponto temidos (justamente pelo medo de perder a masculinidade) que a simples possibilidade deles provoca verdadeiras crises de pânico (Ceccarelli, 1997, p. 55).

Os Marines norte-americanos perpetuam o seguinte método: "Para se criar um grupo de homens, mate a mulher que está neles" (Ceccarelli, 1997, p. 55-56). Aqui no Brasil, os adolescentes Sateré-Mawé do Amazonas enfiam as mãos em luvas repletas de formigas tucandeiras e suportam ferroadas intensas como provar coragem e resistência[17]. Diferente dos Sambia, cuja masculinidade se constrói em oposição à feminilidade, os Sateré-Mawé, explica Solange Nascimento (2006), integram o princípio feminino à sua cosmologia e à herança ancestral, atribuindo-lhe um papel gerador e simbólico. Em todas essas situações, porém, permanece evidente que ser homem não é efeito da biologia. Consiste em uma constante disputa por legitimidade, seja pela dor ritualizada, pela exclusão ou pela ratificação comunitária. Jaqueline Gomes de Jesus (2012) contribui ao esclarecer categorias

[17] Reportagens: g1 AM, 2024; Portal Norte, 2025; Portal Amazônia, 2024.

que frequentemente se confundem no debate em torno de gênero e sexualidade. Ela distingue com precisão. Partindo dessas distinções, apresento abaixo uma tabela que cumpre apenas o objetivo de tentar organizar. Não pretendo instaurar "regimes de verdade", ideia foucaultiana mencionada em seu texto, ou fechar identidades em armários.

Tabela 1- Identidade Sexual, Sexualidade, Identidade de Gênero e Orientação Sexual.

Conceito	Significações	Exemplificações	Conexões
Identidade Sexual	Está ligada às características do corpo (cromossomos, genitália, hormônios e aspectos físicos).	Sexo atribuído ao nascer. Feminino, intersexo e masculino.	É a base biológica. Sozinha não define identidade de gênero nem orientação sexual.
Sexualidade	Conjunto de desejos, formas de expressão e práticas ligadas ao afeto e ao prazer.	Fantasias, manifestações do desejo e vínculos eróticos.	Pode aparecer de várias formas e independe da identidade de gênero ou sexual.
Identidade de Gênero	É a posição social e simbólica que a pessoa assume (homem, mulher, não-binário e et cetera).	Cisgênero é a identidade de gênero que coincide com o sexo atribuído ao nascer. Transgênero é a identidade de gênero que não coincide com o sexo atribuído ao nascer.	Não vem da biologia. Está ligada à forma como a pessoa se vê e como é vista socialmente.
Orientação Sexual	É a direção do desejo afetivo e erótico.	Heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, assexualidade, entre outras. Representadas pela sigla LGBTQIAPN+.	Tem relação com a sexualidade, mas não depende da identidade sexual ou de gênero.

Fonte: Elaboração própria, inspirada em Jesus (2012).

Quando o homem da academia circunscreve sua identidade a um interdito anal, ele confunde tudo. Corpo com desejo e gênero com prática cultural. E se colocássemos a *normachidade*[18] em análise? Quanto ao seu relato íntimo, sinta-se abraçado. Aliás, sabia que Édouard Louis virá ao Brasil para a 11ª edição da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp)? Em outro momento, conto

[18] *Normachidade* é um neologismo derivado de *normacho*, denominação utilizada por Marcio em seu escrito anterior.

de mim. Sei muito bem o que é ocupar “posições de depreciação e de exclusão” por ser japonês, gay e ter crescido no interior de Minas Gerais em uma cidade pequena chamada Nanuque. Ainda assim, adianto: não sou homem. Prefiro viver nas encruzilhadas. Um beijo do seu cravo. Ou seria rosa?

Nelson.

CARTA 4.

Guarapari, 02 de março de 2026.

Iguchi, meu japonês gay, que cresceu no interior de Minas, precisei de alguns dias para iniciar o movimento de uma possível resposta. Fiquei ruminando suas palavras, questionamentos, relatos e conceitos... tudo o que você nos trouxe para a nossa *conversa complicada* (cf.: Pinar, 2016). E, para ‘complicar’ um pouco mais, resolvi lhe responder de trás pra frente. Penso que se faz necessário romper com a linearidade e enxergar o mundo por outros prismas. Sinalizo a ideia de ‘conversa complicada’, pois, tudo o que você apresenta, em sua carta, perpassa, a meu ver, sobre a dimensão curricular. Enquanto professor, e pesquisador do campo, também, da Educação, argumento que o currículo, dentro de um registro pós-fundacional e pós-estrutural (Lopes, 2013), está relacionado com uma **prática discursiva** permeada por **relações de poder**, processos de **significação** e de **atribuição de sentidos** (Lopes; Macedo, 2011).

Neste sentido, tudo o que aprendemos em sociedade configura-se como uma disputa discursiva. A forma como temos de ser socialmente é aprendida a partir de um discurso que, historicamente, se homogeneizou e se configurou como ‘verdade’. Lembra-se de que como Édouard Louis precisou performatizar para se sentir aceito socialmente? Os discursos que nos são impostos evidenciam relações de poder entre os diferentes sujeitos – criando processos de hierarquização que perpassam a identidade sexual, a sexualidade, a identidade de gênero e a orientação sexual – assim como diversos outros marcadores sociais (classe, grupo racial, deficiência etc.) que escancaram a significação de um segmento como ‘padrão’ e os demais como ‘desviantes’. Seguindo a lógica do desvio, fiz questão de trazer o curriculista William Pinar (2016), pois o autor atuou diretamente no processo de reconceptualização do currículo nos Estados Unidos (em 1970) – criticando a lógica

eficienticista, que se pauta em avaliações externas, redução do processo formativo a mero ensino e, ainda, a tentativa de padronização – construindo a compreensão de currículo como uma *conversa complicada*.

> Essa conversa com os outros é complicada devido a nossa **individualidade** e a deles, e suas diferentes localizações geracionais, genéticas e culturais. Parece que compartilhamos experiência, mas tal experiência é sempre alterada por essas localizações separadas, no tempo histórico e no local geográfico, e por nossa experiência diferente da deles. O fato reverberador de que somos **indivíduos diferentes** nos separa uns dos outros, mas isso também é o que nos conecta uns com os outros (Pinar, 2016, p. 21, grifos meus).

Fiz o grifo do significante 'individualidade' e, também, da construção 'indivíduos diferentes' para evidenciar que não cabemos em caixas padronizadas e formatadas. Nossos corpos, dissidentes, possuem uma diversidade de composições. E essa perspectiva precisa vir à conversa – seja em espaços escolares ou não escolares – naturalizando as diversas formas de ser/estar socialmente, de se nomear e de expressar os afetos. No texto "*Alegorias do Presente: desenvolvimento de currículo em uma cultura de narcisismo e presentismo"*, o referido curriculista nos ajuda a pensar sobre qual a perspectiva de futuro teremos se não trouxermos – em questionamento – esses paradigmas que são repassados, historicamente, de geração em geração, como se fossem regimes de verdade e que tentam padronizar os processos no tempo presente. Precisamos, segundo o autor, questionar o passado para conseguirmos orientar uma perspectiva de futuro que valorize a individualidade do sujeito.

Interessante pontuar: "*É que Narciso acha feio o que não é espelho*" (*Sampa* – Caetano Veloso). Esse recorte musical, nos ajuda a compreender que estamos inseridos numa sociedade contemporânea que, culturalmente, foi construindo tentativas de silenciamento de corpos, vozes e expressões de sujeitos em processo de diferimento, como se fosse possível igualar subjetividades que se constituem, justamente, nas suas diferenças. Há um narcisismo fálico (Lowen, 2022), presente em nossa sociedade, que normaliza um padrão de comportamento de tipo agressivo, hostil, arrogante, exibicionista e egóico como sendo uma norma. Em resposta à sua questão, se colocássemos essa 'normachidade' em análise, talvez, encontraríamos uma criança chorando compulsivamente e ouvindo de seus cuidadores 'homem não chora', 'engole o choro'... E a Educação com isso? Infelizmente, reproduzimos – direta ou indiretamente – essa perspectiva em nossas práticas culturais. Nossos currículos estão eivados de vícios e a formação de nossos professores/educadores carece de

um letramento interseccional: que decodifique signos linguísticos mais inclusivos transformando-os como prática social de valorização da diferença e de promoção da diversidade.

Penso que, de forma muito didática, você contribuiu nesse letramento, meu caro Iguchi, quando construiu a tabela sobre Identidade Sexual, Sexualidade, Identidade de Gênero e Orientação Sexual, trazendo os conceitos, seus possíveis significados, alguns exemplos e, ainda, como esses conceitos se conecta com os demais. Uma aula. William Pinar ficaria muito orgulhoso de você, assim como eu estou. Esses marcadores – alvo de muita confusão por parte da sociedade civil, em geral – deságuam no machismo estrutural, que organiza um conjunto de validações simbólicas na tentativa de estabelecer uma relação direta entre as características corporais, a forma de expressão, a posição social e o direcionamento do desejo afetivo e erótico, estabelecendo, consecutivamente, uma hierarquização entre o sexo biológico.

Quando você me traz a pergunta sobre a possibilidade de misoginia sofrida por gays associados ao feminino, me faz pensar em dois movimentos articulados: 1) existe uma desvalorização da mulher que está (im)posta na sociedade (visto, inclusive, o quantitativo alarmante de feminicídios); 2) o gay ativo não recebe, necessariamente, o mesmo sofrimento do gay passivo, pois, simbolicamente, o gay 'ativo', com o estereótipo do 'macho', representa, discursivamente, o 'homem' da relação, enquanto que o gay 'passivo' representa, também discursivamente, a 'mulher'. Como o discurso produz relação de poder, é possível inferir que ser gay, passivo, representando – socialmente – a 'mulher' da relação – potencializa, ainda mais, episódios de discriminação, o que se relaciona, diretamente, com sua reflexão sobre um processo histórico, que se reitera, fundamentado no ódio, fazendo a manutenção "tanto do domínio em relação às mulheres quanto do desprezo persistente dirigido a elas". Ainda, poderia ser acrescentado: bem como a todos os sujeitos que, socialmente, ocupam o papel social que à mulher é atribuído.

Penso que esse '*causo'*, trazido por você, amigo, se relaciona com esses papeis sociais que, desde a tenra infância, nos são inseridos goela abaixo, junto com o choro nunca permitido e com a repressão de desejos que socialmente não são aceitos. Momento, quando, o medo se instaura. Há algumas semanas, estava lendo "*Um sopro de vida"* quando vi uma frase que calou fundo em meu peito: "Eu tenho medo de ser quem eu sou. Há um silêncio total dentro de mim. Assusto-me" (Lispector, 1978, p. 130). O medo, segundo Lowen (2022), é uma emoção que paralisa. Por conta do medo, deixamos que nossos corpos sejam modificados – na fantasia de que, assim, teremos a tão

desejada ‘aceitação’. Submetemo-nos a uma norma, deixamos nossos corpos dóceis, repetimos padrões de comportamento significados como adequado e, ainda, abrimos mão, em muitos momentos, de nossa individualidade – mutilando, por sua vez, nossa própria subjetividade a fim de não sofrermos mais dor e perseguição.

Ao ler Lispector, lembrei-me de mais um livro de Édouard Louis (2024) que estou desbravando (*Mudar: Método*), no qual *Bellegueule* se vê na iminência de mudar (cabelo, roupa, comportamento, hábito alimentar, postura, hobby) para, de alguma forma, transformar o medo nessa ‘encenação inconsciente’ que você, tão bem, pontuou. E, trazendo isso para nossa discussão, que tensiona a *normasculina*, penso que, cabe destacar o avanço que obtivemos a partir dos estudos sobre gênero e sexualidade, da teoria queer, de grupos feministas e, ainda, com produções que desvelam o racismo estrutural e as desigualdades sociais. No entanto, os resultados desse processo de (*de/trans)formação* social ainda são embrionários. Tanto que, em diferentes ambientes, inclusive na clínica psicanalítica, ainda se torna um "tabu" os manejos com as populações LGBTQIAPN+, pois, como afirmava Freud (1913/2012, p. 15) “o tabu ainda subsiste em nós”.

Neste desfecho, das elocubrações obsessivo-histéricas, estabeleço um acordo contigo acerca desse patrimônio cultural de manutenção do ódio que se organiza a partir de uma necessidade – falocêntrica – de performatizar um padrão de virilidade e rechaçar tudo o que se apresenta na contramão dessa perspectiva. Penso que se faz, cada vez mais, urgente trazermos à baila outros sentidos acerca do que é ser homem – entrando na disputa, discursiva, política e de poder pela pluralidade de formas de ser/estar homem na contemporaneidade, abarcando, sobretudo corpos dissidentes. Seria, acaso, esse movimento, uma possibilidade de construção, nos nossos consultórios, de uma *Clínica do Esvaziamento* – em que o sujeito tenha espaço para identificar seus traumas, questionar seu narcisismo fálico e ressignificar os seus afetos? Uma questão que, certamente, não se encerrará nesse texto. **PS:** Sim, fiquei sabendo da vinda de Louis. Choro, debaixo das mantas, por compreender que as demandas profissionais não me permitirão ir a São Paulo assistir ao espetáculo que ele irá interpretar.

Com afeto,

Marcio.

(DES)CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse movimento de troca de cartas gays entre dois psicanalistas da rasura *normasculina* – tensionando as dimensões da *Compulsão Viril*, *Violência Falocêntrica* e a *Clínica do Esvaziamento* – exigiu-nos a equilibração de afeto e compromisso técnico para com as narrativas produzidas. Essa equilibração se articula, em alguma medida, com a valorização de outras formas de se produzir conhecimento, mas, também, com a responsabilidade, enquanto pesquisadores, de trazer ao leitor os aprofundamentos possíveis – e necessários – para a sustentação teórica dos afetos que nos atravessam ao longo dos diferentes tempos e espaços. Cabe salientar que, a troca de correspondências contou, ainda, com alguns encontros virtuais – junto com boas doses de 'poesia engarrafada'. Nestes encontros, a tentativa era de que, por meio da escrita, pudéssemos desatar alguns 'nós' e alinhavar pontos importantes para a questão norteadora: 'Que macho sou eu?'.

Neste contexto, revisitando as cartas trocadas, eis que algumas tessituras podem ser compartilhadas, a título de exemplificação e atribuição de sentidos para cada uma dessas dimensões.

A dimensão da ***Compulsão Viril*** encontra materialidade nos trechos: "buscam abrigo na cachaça, companhia na solidão e sentido na violência"; "Limão, sal e cachaça em repetição compulsiva"; "insiste em telefonemas, tentando reatar uma relação que não existe mais"; "masculinidade invejosa e raivosa que se debate contra a perda"; "mistura venenosa de afecções: ciúmes, inveja, raiva e rancor"; "desejo de vingança como força principal"; "máscaras de invencibilidade" e, também, "homem que é homem não faz sobrancelha". Excertos que evidenciam: tentativa de tamponamento da falta via excesso, repetição como circuito de gozo, negação da perda / recusa da castração, afetos reativos frente à perda, autointoxicação psíquica, economia pulsional orientada à vingança, defesa narcísica e, ainda, imperativo normativo de masculinidade.

A dimensão da ***Violência Falocêntrica*** pode ser compreendida nos recortes: "transformam sua fragilidade negada em espetáculo violento"; "casos de feminicídio e LGBTQIAPN+fobia"; "mulher nasceu para servir"; "a esposa um troféu"; "mulheres trans não são mulheres"; "desprezo persistente dirigido a elas" e a necessidade de "rechaçar tudo o que se apresenta na contramão". Fragmentos que revelam: lógica de posse e dominação, exclusão do feminino, violência como defesa, violência estrutural, discurso misógino, objetificação do feminino, exclusão identitária, misoginia estrutural e, ainda, expulsão do dissidente. A dimensão da ***Clínica do Esvaziamento*** se infere nas

seguintes passagens: “incapazes de acolher suas fragilidades”, “hoje num tenho vontade de fazer mais nada”; “fixar-se na posição de vítima”; “o ressentido sobrevive, ainda assim não vive”; “no fundo, eu tenho trauma. De não ser aceito e nunca me aceitar”; “tentativa de me ‘curar”; “as injúrias… e o meu silêncio”; “mutilando, por sua vez, nossa própria subjetividade”; “Eu tenho medo de ser quem eu sou”; “o sintoma…pode ser ressignificado”; “reinventar sua concepção de homem” e, sobretudo, “*Clínica do Esvaziamento*… espaço para identificar seus traumas”.

Partes que demonstram: vida empobrecida pelo afeto fixado, marca traumática, alienação ao ideal normativo, violência internalizada, renúncia ao desejo, angústia diante do desejo, trabalho analítico, reconfiguração subjetiva, queda do ideal e, também, abertura ao desejo. Os trechos, recortes e passagens das trocas de cartas, trazidos aqui – *costuram* – junto com os sentidos atribuídos nesses excertos, fragmentos e partes, as dimensões da compulsão viril, da violência falocrática e da clínica do esvaziamento. Cabe, nesta composição, uma tentativa de conceituação. A *Compulsão Viril* se manifesta como um imperativo psíquico e sociocultural que constrange o sujeito a reiterar performativamente signos de virilidade, em uma tentativa de tamponar a falta estrutural e sustentar uma identidade masculina idealizada.

A *Violência Falocrática* se alinha com um regime de exercício de poder sustentado no significante fálico, no qual a masculinidade se afirma por meio da dominação, da exclusão do feminino e da eliminação simbólica ou concreta da diferença. A *Clínica do Esvaziamento* se configura uma possibilidade de tratamento que opera pela queda dos ideais normativos (especialmente o ideal viril), possibilitando ao sujeito confrontar sua falta, elaborar seus traumas e reinscrever seu desejo para além das identificações impostas. Na rasura desta *normasculina*, eis que, neste desfecho, se faz importante relembrar: “**Que macho sou eu?”.** Uma indagação que não será respondida – em sua literalidade – nesta produção. Quiçá na nossa próxima troca de cartas. Que venha a parte 2!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SIMÕES, Júlio Assis; MOUTINHO, Laura; et al. Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva. In: SAGGESE, Gustavo; MARINI, Márcio; LORENZO, R. A.; et al. (org.). *Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica*. São Paulo: Terceiro Nome; Gamma, 2018. p. 9–30.

AROSA, Guido. *O complexo melancólico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Efésios 5:23.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 3.880, de 2024. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para incluir a violência vicária dentre as definições de violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=7696. Acesso em: 18 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 mar. 2015.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº 26 e Mandado de Injunção nº 4.733. Julgamento em 13 jun. 2019. Reconhece a omissão legislativa e determina a aplicação da Lei nº 7.716/1989 (Lei do Racismo) para criminalizar a homofobia e a transfobia.

BRASIL 247. Caso Itumbiara reacende debate sobre feminicídio indireto. 13 fev. 2026. Disponível em: https://www.brasil247.com/brasil/caso-itumbiara-reacende-debate-sobre-feminicidio-indireto. Acesso em: 15 fev. 2026.

BRASIL DE FATO. Assassinato de professor expõe crescimento da violência contra pessoas LGBT+ no DF. Brunna Ramos. 15 jan. 2026. Disponível em:

https://www.brasildefato.com.br/2026/01/15/assassinato-de-professor-expoe-crescimento-da-violencia-contra-pessoas-lgbt-no-df/. Acesso em: 15 fev. 2026.

BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CANAL FOCO. *1 Machista Versus 30 Feministas*. Gabriel Breier. Publicado em 12 fev. 2026. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2IFCBt4HTd8. Acesso em: 12 fev. 2026.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A construção da masculinidade. *Percurso*, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 49–56, 1997.

CNN BRASIL. Secretário que matou filho: polícia descarta terceiros envolvidos no crime. Julia Naspolini; Thomaz Coelho; Vitor Bonets. 12 fev. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/centro-oeste/go/secretario-que-matou-filho-policia-descarta-terceiros-envolvidos-no-crime/. Acesso em: 15 fev. 2026.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CORREIO BRAZILIENSE. Em depoimento à PCDF, assassino detalha agressão que matou professor. Darcianne Diogo; Davi Cruz. 18 jan. 2026. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2026/01/7327871-em-depoimento-a-pcdf-assassino-detalha-agressao-que-matou-professor.html#google_vignette. Acesso em: 15 fev. 2026.

CORREIO BRAZILIENSE. Saiba quem é Thales Machado, secretário que atirou contra os filhos. Gabriel Botelho. 12 fev. 2026. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2026/02/7353898-saiba-quem-e-thales-machado-que-atirou-contra-os-filhos.html. Acesso em: 15 fev. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.

DUPUIS-DÉRI, Francis. *A crise da masculinidade: anatomia de um mito persistente*. Tradução de Paulo Victor Bezerra. São Paulo: Edgard Blücher, 2022.

ESTADO DE MINAS. “Tribunal da internet”: absolve o assassino e condena a mãe em luto eterno. Carlos Altman. 13 fev. 2026. Disponível em: https://www.em.com.br/nacional/2026/02/7355227-tribunal-da-internet-absolve-o-assassino-e-condena-a-mae-em-luto-eterno.html. Acesso em: 15 fev. 2026.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 11: Totem e tabu, história do movimento psicanalítico e outros textos (1913–1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (o caso Schreber), artigos sobre técnica e outros textos (1911–1913)*. 1. ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193–209. Obra originalmente publicada em 1914.

G1. Conheça o “Ritual da Tucandeira” que marca a passagem da adolescência para vida adulta feito pelo povo Sateré-Mawé no AM; VÍDEO. Ruthiene Bindá; Patrick Marques. *G1 AM*, 9 ago. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/08/09/conheca-o-ritual-da-tucandeira-que-marca-a-passagem-da-adolescencia-para-vida-adulta-feito-pelo-povo-satere-mawe-no-am-video.ghtml. Acesso em: 19 fev. 2026.

G1. Professora morre depois de ser atacada a facadas por aluno em faculdade de Porto Velho. *G1 RO*, 7 fev. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2026/02/07/professora-morre-depois-de-ser-atacada-a-facadas-por-aluno-em-faculdade-de-porto-velho.ghtml. Acesso em: 16 fev. 2026.

G1. Secretário de prefeitura de Itumbiara mata filho e se mata em seguida, diz PM. Eliane Barros. 12 fev. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2026/02/12/secretario-da-prefeitura-de-itumbiara-mata-filho-e-se-mata-em-seguida-diz-pm.ghtml. Acesso em: 15 fev. 2026.

HIRANO, Luís Felipe; ACUÑA, Manuel; MACHADO, Bruna Franchetto (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: IU, 2019.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas: Papirus, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: [s. n.], 2012. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br. Acesso em: 17 fev. 2026.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Obra originalmente publicada em 1966.

LAPOUJADE, David. *Ensaios do assombro*. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LIMA, Vinícius. *Homens em análise: travessias da virilidade*. São Paulo: Edgard Blucher, 2024.

LIMA, Vinícius. Participação no 2º Congresso Brasileiro EMH de Psicanálise: Os Desafios da Psicanálise no Século XXI. 25 jun. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AuRbOpNjJG.

LINIKER. Caju. In: LINIKER. *Caju*. São Paulo: Universal Music, 2024. 1 disco sonoro.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 39, p. 7–23, 2013.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Teorias de currículo*. São Paulo: Cortez, 2011.

LOUIS, Édouard. *Mudar: método*. São Paulo: Editora Todavia, 2024.

LOUIS, Édouard. *O fim de Eddy*. São Paulo: Todavia, 2025.

LOWEN, Alexander. *Alegria: a entrega ao corpo e à vida*. São Paulo: Summos, 2022.

MCINTOSH, Peggy. White privilege: unpacking the invisible knapsack. *Peace and Freedom Magazine*, Wellesley, p. 10–12, jul./ago. 1989.

METRÓPOLES. “Amor mais forte que a morte”, diz irmã de professor assassinado no DF. Arthur de Souza. 12 jan. 2026. Disponível em: https://www.metropoles.com/distrito-federal/amor-mais-forte-que-a-morte-diz-irma-de-professor-assassinado-no-df. Acesso em: 15 fev. 2026.

METRÓPOLES. Quem era a professora morta por aluno em faculdade de Rondônia. Madu Toledo. 8 fev. 2026. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/quem-era-a-professora-assassinada-facadas-por-aluno-em-faculdade-de-rondonia. Acesso em: 16 fev. 2026.

MIGALHAS. Professora de Direito morre após ser atacada a facadas por aluno em faculdade. Redação. 8 fev. 2026. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/quentes/449495/professora-morre-apos-ser-atacada-a-facadas-por-aluno-em-faculdade. Acesso em: 16 fev. 2026.

MUSZKAT, Susana. Revisitando Adão e Eva. *Revista CULT*, São Paulo, n. 242, fev. 2019. Disponível em: https://www.sbpsp.org.br/blog/revisitando-adao-e-eva/. Acesso em: 17 mar. 2026.

NASCIMENTO, Solange Pereira do. *O feminino Sateré-Mawé e suas manifestações simbólicas na Amazônia*. 2016. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5148. Acesso em: 19 fev. 2026.

NED, Nelson. Eu também sou sentimental. In: NED, Nelson. *Nelson Ned*. São Paulo: CBS, 1970. 1 disco sonoro.

NED, Nelson. Tudo passará. In: NED, Nelson. *Nelson Ned*. São Paulo: Copacabana, 1969. 1 disco sonoro.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OESTE OUTRA VEZ. Direção: Erico Rassi. Produção: Cristiane Miotto; Lidiana Reis. Roteiro: Erico Rassi. São Paulo: O2 Play, 2024. 1 filme (97 min), son., color.

PINAR, William. Alegorias do presente: desenvolvimento de currículo em uma cultura de narcisismo e presentismo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (org.). *Estudos curriculares: ensaios selecionados*. São Paulo: Cortez, 2016.

PORTAL AMAZÔNIA. Waumat, o ritual da tucandeira: tradição Sateré-Mawé marca a vida adulta dos homens. Redação. 2024. Disponível em: https://portalamazonia.com/cultura/waumat-ritual-tucandeira-tradicao/. Acesso em: 19 fev. 2026.

PORTAL NORTE. Ancestralidade Sateré-Mawé mantém tradição indígena viva com o ritual da tucandeira. Daniel Boechat. 19 abr. 2025. Disponível em: https://portalnorte.com.br/noticias/amazonia/2025/04/19/ancestralidade-satere-mawe-mantem-tradicao-indigena-viva-com-o-ritual-da-tucandeira/. Acesso em: 19 fev. 2026.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RUDGE, Ana Maria. *Trauma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

SIRINO, Marcio Bernardino. O analista tecelão: abrindo a caixa de costura da fantasia? In: KOBORI, Eduardo Toshio; SILVA, Rita Ferreira da (org.). *Psicanálise e contemporâneo*. São Paulo: Paco Editorial, 2025.

UOL. Aluno matou professora em faculdade por ter sido rejeitado, diz polícia. Colaboração para o UOL. 9 fev. 2026. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2026/02/09/aluno-matou-professora-em-faculdade-por-ter-sido-rejeitado-diz-policia.htm. Acesso em: 16 fev. 2026.

VEJA. Hostilizada nas redes, mulher de secretário que matou os dois filhos divulga carta aberta. Marcelo Ribeiro. 13 fev. 2026. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/hostilizada-nas-redes-mulher-de-secretario-que-matou-os-dois-filhos-divulga-carta-aberta/. Acesso em: 15 fev. 2026.

VELOSO, Caetano. Sampa. In: VELOSO, Caetano. *Bicho*. Rio de Janeiro: Philips, 1977. 1 disco sonoro.

VIEIRA, Marcos André. O normacho: notas sobre masculinidades, raça, classe e colonialidade. In: HIRANO, Luís Felipe; ACUÑA, Manuel; MACHADO, Bruna Franchetto (org.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: IU, 2019. p. 89–110.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001.